

Sarney prevê Collor contra Covas na final

A. C. SCARTEZINI

Se embarcar para Paris, o presidente Sarney levou ontem sua bagagem de mão para uma reflexão pesada a bordo: a impressão de que o senador Mário Covas (PSDB), nas próximas semanas vai deslocar Leonel Brizola (PDT) do segundo lugar nas pesquisas sobre a sucessão presidencial e criar condições para passar ao turno final da eleição de novembro.

A impressão de Sarney começou a formar-se na viagem de volta de Buenos Aires no final da semana, diante dos índices das últimas pesquisas de opinião que apontaram um crescimento proporcionalmente maior para Covas do que a Brizola, ao mesmo tempo em que o senador era beneficiado por uma articulação político-empresarial para colocá-lo no segundo turno.

A colocação de Covas no segundo turno seria exatamente ao lado de Collor, cuja queda nas pesquisas a articulação político-empresarial passou a tramar a partir de pelo menos duas boas razões:

1. Reduzir a auto-suficiência de Collor nas negociações sucessórias, para forçá-lo a alianças que o obri-

guem, entre outras coisas, a reduzir sua cota pessoal de decisão no futuro governo se vier a ser eleito, o que tornaria mais controlável sua administração.

2. Criar outra alternativa de governo mais confiável e controlável do que Brizola, que, no caso, seria Covas.

Mas por que Covas como alternativa? O objetivo dos articuladores é, evidentemente, o de manter o status quo a salvo de maiores sobressaltos, como a desmontagem da Rede Globo brandida ameaçadoramente por Brizola. Nesse figurino, caberia o atual modelo eleitoral de Covas, cuja candidatura investiu-se nas últimas semanas de outras duas coisas que tornaram mais confiável a sua pessoa:

1. O compromisso com o "choque de capitalismo" firmado no discurso há duas semanas no Senado, captado entre empresários não como uma guinada conservadora, mas uma manifestação de modernidade.

2. A inclusão na chapa como vice do antigo governador pernambucano Roberto Magalhães, ex-Arena, ex-PDS, também captada não como uma opção conservadora, mas como disposição de estabelecer alianças

com outras correntes ideológicas.

No mais, passou a investir-se em Covas porque, entre as outras opções reais de candidaturas postas no mercado, ele representa um produto com menor índice de rejeição nas pesquisas. Nas duas pesquisas conhecidas no último final de semana, Covas ostenta a rejeição de 14 por cento na DataFolha e de 35 por cento no Ibope.

A sua frente estão Ulysses Guimarães (PMDB) com 47 na DataFolha e 58 no Ibope; Paulo Maluf (PDS) com 39 e 61, respectivamente; e Luiz Inácio Lula da Silva (PT), com 28 e 42. O Ibope não cotou a rejeição de Aureliano Chaves (PFL), mas na DataFolha ele supera Covas exibindo 20 por cento, contra 15 de Roberto Freire (PCB).

Nesse quadro de opções, melhor alternativa do que Covas seria apenas Collor, que tem rejeição de 12 por cento na DataFolha e 10 no Ibope, mas Collor é Collor e deve estar de qualquer maneira no segundo turno. Não haveria assim outra opção de compra de ações no mercado futuro contra Brizola melhor do que a de Covas, preenchendo-se com ela o segundo lugar no turno final.

JULIO FERNANDES



Sarney embarca para a França, na Base Aérea de Brasília; pouco antes a confidência sobre o segundo turno